

Curitiba, 12 de dezembro de 2024.

Caro artista silencioso,

Hoje, ao atravessar a praça, surpreendi-me - lá estava você, de chapéu, bengala e galochas, como que congelado no tempo, enquanto um sem-número de pessoas, com pressa, quase atropelavam sua caixa de moedas.

Sim, você me surpreendeu, mas, acredite, as roupas prateadas foram apenas o caminho até seus olhos, que, contrastando-se com a imobilidade do corpo, estavam inquietos, não por conta das moedas que pingavam na caixa, e sim por algo que, de imediato, não descobri.

Então me deixei vagar pelos verdes dos teus olhos, e criei uma história linda, povoada por sonhos e doces, família e carrinhos de rolimã, banho no cano d'água e mangas verdes com sal.

Caro artista, você, na certa, não tem minha idade. Talvez a do meu avô, barba longa, orelhas grandes, iguais às do meu avô, que, desde menina, soube que ele foi para o céu. Conheço-o por fotografias - você se parece muito com ele, de verdade!

Você é mais que entretenimento! Você, como meu avô, é um poeta: ele, fazia versos na folha de papel; você, em praça pública. Poemas com metro e rima. O mundo precisa de pessoas sensíveis como vocês, especialmente em tempos de tanta pressa. O mundo precisa de calma, silêncio e arte.

Volto amanhã. Deixei com você algumas moedas, que, nem de longe, pagam seu maravilhoso trabalho.

Obrigada pelo que aprendi com você. Obrigada por ter-me feito, mesmo que por hipótese, conhecer meu avô.

Com admiração,
Vera Lúcia Amorim

(Se quiser conversar comigo, segue meu e-mail:
veraluciaamorim@xxxxx.com)